

Veja

13/4/1988

Em Dia

Êxito raro

A primeira reforma agrária de Pernambuco deu certo

A paisagem do velho engenho Ipiranga, da cidade pernambucana do Cabo, a 31 quilômetros do Recife, teve uma mudança significativa nos últimos dezessete anos — a mandioca, o milho e o feijão misturam-se aos numerosos pés de cana, que passaram das 2 000 toneladas produzidas em 1974 para 17 000 toneladas em 1986. O sucesso não se deve a agricultores e a empresários experientes e modernos, mas a quarenta famílias de lavradores que tiveram apenas o apoio da Igreja, na época em que dom Hélder Câmara era arcebispo de Olinda e Recife, para fazer a primeira reforma agrária de Pernambuco. Em 1971, dom Hélder decidiu estender as ações da Operação-Esperança — uma entidade filantrópica que presta assistência social à população dos bairros periféricos do Recife — até a Zona da Mata do Estado, convencido de que essa era uma maneira adequada de demonstrar, através do exemplo, que era possível conter o processo de migração do campo para a cidade.

Dom Hélder conseguiu 45 000 dólares, cerca de 5 milhões de cruzados em dinheiro de hoje, cedidos por uma entidade católica alemã, e comprou o engenho Ipiranga de um casal de alemães, Paul e Judith Perth. A Operação-Esperança organizou os moradores ali existentes através da Associação dos Trabalhadores Rurais do Cabo e dividiu a terra do engenho entre os quarenta associados — 10 hectares para cada um. O que sobrou — 57 hectares — começou a ser utilizado coletivamente. Foram construídas uma escola, a sede da associação, uma cacimba e uma casa para hospedar técnicos que visitam o local. O começo da nova vida dos lotistas, contudo, não foi tão fácil como a compra do engenho. O então governador de Pernambuco, Eraldo Gueiros Leite, por exemplo, recusou apoio técnico e energia elétrica.

Mesmo sendo em sua maioria analfabetos e desconhecendo técnicas agrícolas, os lavradores procuraram se informar, trocaram conhecimentos e hoje se consideram capazes de cuidar da lavoura com perfeição. "Antes, ganhávamos uma mixaria dos usineiros, mas hoje já dá para fazer uma feira bem melhor", diz José Antônio Avelino, proprietário de um dos lotes. Essa mudança na qualidade de vida dos trabalhadores atraiu amigos e familiares bóias-frias de outras regiões, e atualmente setenta famílias — em vez das quarenta iniciais — habitam o engenho, mas não têm escritura de posse da terra e trabalham em acordo com os proprietários. A experiência do engenho Ipiranga, com as limitações de um projeto que envolveu muito pouca gente, nada prova sobre a conveniência de se aplicar no país uma reforma agrária de grande amplitude. Lá, porém, no engenho Ipiranga, a idéia funcionou muito bem.

(Página 15)